

Espetacularização da violência em um telejornal e construções conservadoras de gênero

RESUMO

Rosilene Soares de Jesus
E-mail: pmtrose1@hotmail.com
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil

Rita de Cássia Pereira Farias
E-mail: refarias@ufv.br
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil

Cotidianamente, a mídia televisiva brasileira divulga reportagens sobre violência que relatam crimes acompanhados por discursos que culpabilizam as mulheres agressoras, de modo desconectado do sistema estrutural da sociedade. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar, a partir das reportagens divulgadas no telejornal Cidade Alerta, os discursos culpabilizatórios que recaem sobre as mulheres, reafirmando construções conservadoras de gênero, em contraposição aos avanços das lutas feministas. A pesquisa foi orientada por um paradigma interpretativo marxista, com postura ontológica crítica, embasada em autores como Netto, Iamamoto, Cisne e Saffioti. A abordagem qualitativa, com características exploratórias e descritivas, revela que os discursos midiáticos transmitem representações de gênero dos(as) agressores(as) e vítimas, com conotação machista, discriminatória e conservadora.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia. Violência. Gênero.

INTRODUÇÃO

Nas sociedades pré-capitalistas matrilineares, como as indígenas e celtas, as mulheres tinham liberdade econômica, política e domínio sobre seus próprios corpos. Entretanto, conforme Engels (2006), com o desenvolvimento da propriedade privada e a acumulação de bens, os homens iniciaram um processo de domesticação, dominação e controle não só dos animais, mas de outros homens (escravização) e das mulheres.

Visando à dominação econômica e ideológica, com a manutenção do poder, as construções de gênero canalizaram os homens para a vida pública e as mulheres para o âmbito doméstico. Por ter um útero gerador, as mulheres foram construídas como seres maternais, dóceis e frágeis. Os homens por sua vez, atendendo a um ideal de cunho patriarcal, foram direcionados a exercer o controle e o domínio sobre a mulher.

Para manter a dominação, as mulheres foram impedidas de estudar, ter participação política e desenvolver uma carreira profissional. Tais interdições eram justificadas pela fragilidade, incapacidade e debilidade.

Aos poucos, as mulheres foram alcançando o direito ao voto, à escolarização e ao mercado de trabalho, mas continuam lidando com os preconceitos de uma sociedade machista que as desqualifica. Para manter as representações conservadoras de gênero, diversos artifícios são acionados, dentre eles as mídias impressas e digitais. Até mesmo o telejornalismo faz uso de estratégias que espetacularizam a notícia (DEBORD, 2003), de forma a convencer os telespectadores quanto à fragilidade feminina e a inadequação social das mulheres que fogem aos padrões hegemônicos, construindo representações que direcionam os julgamentos e as práticas sociais para a dominação masculina. Esse artifício é percebido na divulgação das notícias sobre a violência, quando a televisão transmite a informação ocultando alguns fatos e ressaltando outros, conforme a conveniência dos produtores e patrocinadores.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar os discursos veiculados nas reportagens do telejornal *Cidade Alerta*, que transmitem uma representação de gênero dos(as) agressores(as) e vítimas, com um posicionamento machista, discriminatório, culpabilizatório e conservador.

INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se insere na perspectiva dos estudos de gênero e foi orientada por um paradigma interpretativo marxista, com postura ontológica crítica. A partir da pesquisa documental, foram extraídos os dados para a análise dos discursos divulgados no programa jornalístico *Cidade Alerta*.

O *Cidade Alerta* é um telejornal apresentado na Rede Record de televisão, que se caracteriza por divulgar notícias de forma sensacionalista, priorizando informações que despertam a curiosidade do público, como a divulgação de crimes inusitados. Privilegia as ocorrências policiais, geralmente casos de violência,

buscando impressionar o seu público, apresentando narrativas minuciosas sobre os casos apresentados.

A linguagem utilizada pelos repórteres busca envolver o telespectador: sensacionalista, simples, de fácil entendimento, sem uso de termos técnicos, o oposto da comunicação utilizada em outros telejornais mais sofisticados. O jornal é transmitido ao vivo, mas as notícias são editadas, com uma priorização de cenas que causam impacto e indignação diante do crime.

Este artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado mais ampla, na qual foi elaborado o corpus, sendo realizado um recorte temporal dos programas exibidos nos meses de setembro, outubro e novembro de 2018, totalizando 300 reportagens. Para este artigo, foram selecionadas oito reportagens, cujas práticas discursivas problematizam o gênero. No processo analítico, as reportagens foram transformadas em textos e categorizadas, atendo-se aos discursos dos apresentadores e repórteres do telejornal Cidade Alerta.

Foi realizada a análise do texto e das imagens, concomitantemente, sendo as imagens analisadas pela tipologia e descrição e os textos pela análise do discurso, por meio da Gramática Sistêmica Funcional (GSF), visando compreender o uso das palavras direcionado a um objetivo. Afinal, a linguagem é social e, conforme Michael Alexander Halliday (1989, p. 16), “uma análise de discurso que não é baseada em gramática, não é uma análise, mas simplesmente o comentário de um texto”.

Outro recurso foram os instrumentais da Análise do Discurso Crítica (ADC) proposto por Norman Fairclough (2003), que se baseiam na percepção da linguagem como parte da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais, em um paradigma interpretativo crítico. O autor defende que, na análise do discurso, é necessário ir além das análises textuais e refletir sobre a conjuntura onde se estabelecem as relações de poder a serem analisadas. Viviane Vieira e Viviane de Melo Resende (2016, p. 13) salientam que os discursos podem se apresentar como estratégias ideológicas que “fundamentam a concepção de linguagem como prática social e como instrumento de poder”, podendo as práticas sociais serem compreendidas como uma ligação entre as estruturas sociais e as pessoas.

Nas práticas sociais cotidianas, a linguagem se manifesta em discursos, na maneira de se proceder e se identificar com o outro. Desta forma, o discurso pode ser entendido como “momento integrante e irredutível das práticas sociais” (VIEIRA; RESENDE, 2016, p. 18), ou como um modo particular de representar parte do mundo (FAIRCLOUGH, 2003).

CONCEITUAÇÃO

Em consonância com os estudos feministas, a pesquisa problematiza as construções conservadoras de gênero no telejornal Cidade Alerta, da Rede Record de Televisão, por meio da análise dos discursos que reposicionam a mulher no lugar subalterno que ela foi colocada historicamente, nos diversos contextos.

Historicamente homens e mulheres foram socializados para o desempenho de distintos papéis de gênero (em que, por exemplo, os homens são estimulados a adotar um comportamento mais agressivo,

dominador e as mulheres desafiadas a comportamentos de maior passividade e submissão face ao outro), repercutindo-se nas atitudes face ao crime feminino e masculino (PAULA; CARIDADE, 2018, p. 71).

Robert Muchembled (2012) menciona que a violência faz parte do componente cultural da sociedade e é majoritariamente masculina e juvenil, nutrida pela “ética viril que erige a força brutal como modelo de comportamento” (p.08), tornando os assassinatos frequentes e banais. “A violência juvenil mais extrema não é somente admitida, mas ainda incentivada para produzir uma ética viril entre os camponeses, e [... os] nobres, que têm vocação para se tornarem guerreiros impiedosos” (p.44). Na visão do autor, “Nobres e plebeus, poderosos ou fracos, todos os homens são educados no ambiente de uma ‘cultura da violência’, repousando sobre a necessidade de defender a honra masculina contra os competidores” (p.08).

Quando as mulheres escapam a esse “ideal” dominador, elas são condenadas por serem vistas como uma ameaça à sociedade. A ameaça feminina é problematizada por Federici (2017), ao afirmar a existência de uma caça às bruxas no mundo capitalista. A pensadora italiana relaciona a culpabilização contra as mulheres às raízes do capitalismo, enfatizando que as atrocidades do passado, como a escravidão e exploração da classe pobre, foram essenciais para a edificação da sociedade capitalista. A autora menciona ainda a culpabilização e punição direcionadas às mulheres, principalmente àquelas que exerciam atividades como feiticeiras, curandeiras e advinhas. Essas mulheres eram condenadas pela sociedade e pela Igreja como bruxas, associadas ao diabo, ao mal, ao pecado. Contra elas, havia uma caça às bruxas e uma ofensiva à posição dessas mulheres.

Federici (2017) explica a existência de uma persistente exploração das mulheres nas relações sociais da sociedade capitalista, corroborando a teoria marxista sobre a exploração da classe trabalhadora. Defende que, para o capital, tão importante quanto a exploração da força de trabalho por parte da classe dominante, é a exploração das mulheres por parte dos homens. Com esse posicionamento, a autora amplia a ótica marxista, vinculando-a à categoria gênero.

Nos estudos feministas, as pesquisas têm problematizado a construção social de gênero e diversas questões vistas como naturais pela sociedade, como a maternidade, a sexualidade, a masculinidade, as desigualdades no trabalho e nas profissões, em diferentes espaços sociais. Dentre os aspectos analisados, está a desconstrução de discursos que veiculam representações conservadoras sobre o feminino e motivam práticas que desqualificam as mulheres e contribuem para a reprodução de desigualdades.

Saffioti (1994) analisa a situação da mulher na sociedade capitalista, onde as desigualdades de sexo e a discriminação dessas são apropriadas pelo capital para se fortalecer. Mas, para que a exploração tenha aparência de naturalidade, diversos processos contribuem para naturalizar a visão da mulher como dominada, por meio de processos de socialização que reforçam a ideologia capitalista, baseando-se principalmente na determinação biológica ligada à maternidade.

Em oposição ao determinismo biológico na relação entre os sexos, Scott (1995) salienta que o conceito de gênero contribui para o entendimento social dessas relações, por envolver um conjunto de perguntas sobre como a diferença sexual é definida em determinado contexto, construindo uma discussão mais

ampla que inclui tanto o homem como a mulher em suas múltiplas ligações, hierarquias e relações de poder.

Os estudos de gênero têm também mostrado que as diversas mídias digitais e impressas têm um papel crucial na manutenção do conservadorismo, por divulgar, de uma forma naturalizada, discursos que constroem representações sobre a inferioridade das mulheres, as culpabilizando pelos índices de estupro, de divórcio e de diversos problemas sociais.

Assim, uma reportagem midiática deve ser apreendida considerando as relações histórico-culturais e sociais que a integram, pois, mais do que divulgar informações sobre economia, política, esporte, entretenimento, cultura e acontecimentos sociais, a mídia veicula ideologias, de acordo com os interesses dominantes, buscando prender a atenção do telespectador e manter a audiência da emissora que transmite as informações.

O GÊNERO EXPRESSO NAS REPORTAGENS

Nas reportagens analisadas, o perfil do agressor apresentado pelo telejornal Cidade Alerta é predominantemente masculino, enquanto o perfil da vítima é predominantemente feminino. Quando havia alguma forma de relação entre vítima e agressor, reificavam-se as construções tradicionais de gênero, apresentando as mulheres vítimas como frágeis, e, quando agressoras, como perturbadoras da ordem social. Já os homens foram posicionados como sujeitos e dominadores. Conforme Muchembled (2012), a ética viril exige “[...] um papel de mulher fraca desarmada, obrigatoriamente dependente, protegida por homens que tiram dela seu prazer e querem que ela lhes forneça filhos para continuar a linhagem” (p.08).

Nos enunciados das reportagens, o agressor foi apresentado pelos atributos ligados ao parentesco (ex-namorado, marido, amante, namorado, padrasto, pais, genro); gênero (homem, homem ciumento); profissão (advogado, cantor, professor, ator, médico, jovem empresário); e aos adjetivos (bandido, criminoso, pedófilo, maníaco). Já as agressoras receberam representações de gênero (mulher, mulher ciumenta, atraente, modelo, jovem, jovem bonita e perigosa) e parentesco (mãe, amante, namorada, irmã). Em nenhum dos enunciados houve menção a atributos profissionais das mulheres. Apenas em um caso se menciona: “Atraente, ela chamava atenção dos homens, na época era modelo”. As representações se pautavam mais no sexo, no parentesco e nos atributos físicos e de personalidade.

Tais representações confirmam construções conservadoras de gênero em que as mulheres foram socializadas para serem criaturas dóceis, frágeis, incapazes de grandes feitos no setor público, que necessitam da proteção masculina. Assim, em relação à criminalidade, onde se pressupõe um posicionamento de força e dominação, o entendimento da mulher enquanto agressora se pauta em justificativas passionais que naturalizam o comportamento submisso da mulher e justificam a violência praticada pelo homem.

As reportagens apresentadas evidenciam também a presunção do poder masculino sobre o feminino nos casos de assassinato, agressão e estupro, cometidos, em sua maioria, por um homem. Indicam os resquícios do sistema

patriarcal que constitui, segundo Saffioti (1994, p. 460), “um importante meio de controle social, cuja função precípua consiste na domesticação das mulheres”.

Para Miria Cisne (2005), o capitalismo impõe diferenças, segregação e exploração de classe, raça e gênero, predominando a opressão, a exploração do trabalho e a dominação do gênero masculino sobre o feminino, fortalecendo as desigualdades. Por isso, ela defende a necessidade de se adotar uma visão crítica para desnaturalizar a fragilidade feminina na sociedade capitalista e suas “determinações macrosociais que se encontram diretamente relacionadas com a subordinação das mulheres” (p.4).

Quando as mulheres são as agressoras

Nos casos em que a agressão é praticada pelo sexo feminino, o termo *mulher* se destaca nas reportagens, evidenciando um cunho machista, como forma de ressaltar a inadequação de uma mulher praticar um crime, já que ela é tradicionalmente representada como frágil.

Parece que não é dado ao universo feminino o direito à violência, somente podendo atingir seus fins maléficis com a malícia. Não lhes é permitida a prática de condutas que demonstrem a capacidade de inverter o papel social de inferioridade que lhes é imposto [...] (LIMA, 2007, p.317-318).

Nas construções tradicionais de gênero, Muchembled (2012) destaca que as mulheres devem ficar em seu lugar para confirmar o homem como tal. A passividade exigida pelas normas culturais constrói a mulher como um ser suave e desarmado, geralmente incapaz de violência assassina. “Aquela que se deixa levar pela agressividade parece anormal” (p.20), pois a figura da “mulher civilizadora” tem a missão de abrandar os costumes, desviar o homem da violência e refrear a brutalidade de seus desejos sexuais (p.21).

A reportagem 01 relata a ocorrência de um crime cometido por um casal (mulher e homem). Entretanto, visando despertar a curiosidade e transformar a notícia em um espetáculo (DEBORD, 2003), os discursos do repórter e do apresentador se voltam apenas para a agressora. Descrevem sua beleza física e seu poder de sedução, relatando o envolvimento dela com outro parceiro sexual. A mulher é apresentada como uma jovem bonita e perigosa, enquanto o agressor é representado como um namorado ciumento e violento. Segundo Roger Silverstone (2002, p. 20), a mídia “filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum”.

O uso do processo relacional era, associa a agressora à profissão de modelo “ela chamava atenção dos homens, na época era modelo e participava de concursos de beleza” e mais adiante, a situa na condição de mulher comprometida: “mas tinha um empecilho, Paula era comprometida”. O objetivo é encaixar a mulher no seu lugar determinado socialmente, como bela e comprometida, e causar indignação com a saída dessa mulher das normas sociais por seu comportamento visto como desviante. Conforme Thaís Dumê Faria (2008), a beleza e a capacidade de sedução são “constantemente evocadas para justificar a periculosidade e a capacidade de cometer determinados delitos.” Ou seja, a beleza

pode ser um perigo, “uma vez que as mulheres mais atraentes teriam maior capacidade de ludibriar e enganar pessoas” (p. 165).

O discurso direcionado à agressora a condena duplamente: por não se ajustar ao papel socialmente determinado à mulher e por violar as regras sociais. De acordo com Manoela Ivone Cunha (1994), há uma dupla desviância conferida às mulheres que cometem crimes. Ocorre o fato de “a transgressão da legalidade que as conduziu à prisão ser de uma forma ou de outra concomitante com a negação das normas que definem a conduta feminina apropriada” (p. 24). O discurso que culpabiliza a agressora, além de criminalizá-la, a constrange por não cumprir seu papel social como mulher. O enquadramento das imagens colabora os discursos da agressora como bonita e perigosa (com exibição de fotos do corpo da agressora) e do agressor violento e perigoso (fotos do rosto do agressor).

Na reportagem 02, o repórter relata um crime cometido por uma mulher e seu companheiro, iniciando com a exibição da imagem de uma criança. O apresentador envolve o telespectador com a construção de um cenário emotivo, chamando a atenção para a alegria e o sorriso da criança. O enquadramento da imagem da criança feliz e brincando objetiva despertar a admiração pela inocência. Após a exibição da docilidade da criança, para impactar o público, o apresentador muda subitamente o tom de voz e o discurso, falando que a criança foi morta pela mãe, de forma a despertar indignação e repúdio em relação à agressora.

A escolha da linguagem não é aleatória. De acordo com Halliday (1989), cada discurso expressa determinado objetivo. Assim, a Gramática Sistêmica Funcional possibilita compreender os discursos por meio de três principais processos: os materiais, os mentais e os relacionais, que representam as ações e os eventos, permitindo compreender as ideias do autor do discurso. Os processos materiais correspondem ao fazer e ao acontecer, evidenciando as mudanças de um determinado evento. Os processos mentais expressam a experiência humana do mundo interior, como pensamentos, sentimentos, desejos e percepções. Os processos relacionais estabelecem uma conexão entre as partes, como os processos de ser, ter e pertencer (HALLIDAY, 1989).

Na reportagem 03, o predomínio do processo material contribui para a condenação da agressora, pois possibilita uma linguagem mais direta e enfática: *matar, foi se esconder, conheceu, tiveram, minimizava, foi presa*. O repórter relata que “a mãe sempre foi zelosa e cuidadosa”, em seguida, faz uso do operador argumentativo “*mas*” para mostrar que a agressora deixou de ser uma boa mãe quando iniciou o novo relacionamento: “mas isso enquanto ainda estava casada com o pai de Rafael”.

A reportagem naturaliza o amor materno quando busca causar indignação em relação à agressora. Elisabeth Badinter (1985) afirma que o amor da mãe pelos filhos não é um sentimento inato, mas construído e desenvolvido conforme os costumes e regras de cada sociedade. A autora enfatiza a complexidade da natureza humana em lidar com situações de ameaça, assim, a mulher pode reagir de diferentes formas diante de situações de conflito. Dessa forma, o cuidado com os filhos não seria algo natural, mas uma exigência da sociedade direcionada às mulheres. A autora destaca que “Duzentos anos de ideologia materna e o desenvolvimento do processo de “responsabilização” da mãe modificaram radicalmente as atitudes. E, mesmo quando trabalham, as mulheres do século XX permanecem infinitamente mais próximas dos filhos [...]” (p.250). Durante toda a

reportagem a culpa é direcionada à mãe da criança. Mesmo com a constatação da participação do padrasto, é a mãe que é criminalizada, pois o crime foge aos padrões da doce mãezinha que dá a vida para os filhos.

Na reportagem 04, a agressora ataca outra mulher com facadas, causando sua morte. O apresentador se refere à vítima como uma moça exemplar, alegre e feliz, lhe atribuindo características vistas como positivas pela sociedade como: boa filha, alegre e trabalhadora (trabalhava com os pais em um comércio). A vítima foi assassinada pela namorada do homem com quem ela manteve um relacionamento anteriormente. Para atender ao propósito de causar indignação, a mídia possui “ingredientes que fazem parte do processo de hipnose e sedução produzidas pelas imagens” (CIMARA APOSTÓLICO, 2006, p.12). Além do foco, jogo de luzes e cenário, o discurso aponta a beleza feminina da agressora no sentido negativo (criminalização e justificativa para o crime), objetivando inocentar a vítima. A reportagem centra-se na vítima, se referindo poucas vezes à agressora.

Para justificar que o crime foi cometido por ciúme, o discurso utiliza o operador argumentativo de consequência “*tão*”: *o ciúme era tão forte que se transformou em ameaça*. No entanto, a reportagem inocentou a vítima, descrevendo que só havia amizade entre ela e o namorado da agressora.

O processo relacional atributivo é utilizado no início da reportagem para se referir à agressora. *Larissa está presa*. Conforme Fuzer e Cabral (2014), esse tipo de processo atribui uma qualidade à entidade, assim, o discurso relaciona a agressora à prisão. O processo material é utilizado para se referir à agressora de forma direta no final do excerto, resumindo o comportamento dela, deixando subentendido o ato cometido. O discurso não se ocupa em condenar ou se alongar sobre a agressora, se referindo a ela apenas para descrever o crime.

Embora Silva e Igreja (2017) enfatizem que mais de 60% da população feminina encarcerada no Brasil, Argentina, Costa Rica e Peru cometeram delitos relacionados ao tráfico de drogas, na presente pesquisa, essa afirmativa não se confirmou. Dentre as 180 reportagens analisadas, apenas duas se referiam à caça e à prisão de quadrilha de tráfico de drogas. A predominância dos crimes cometidos por mulheres divulgados no jornal *Cidade Alerta* foi de crimes passionais. Silva e Igreja (2017) destacam que, geralmente, a mulher se envolve em crimes muitas vezes para atender às necessidades de sua família, ou satisfazer a um pedido do companheiro. Entretanto, há de se considerar que há mulheres que se envolvem no crime com objetivos diferentes dos familiares e amorosos.

Na presente pesquisa, a relação afetiva da mulher evidenciada nos crimes cometidos por elas, predominantemente passionais, confirma a tese de Leonard (1982) de que a mulher, por se dedicar mais diretamente aos cuidados com a família, desenvolve interesses e objetivos diferenciados dos homens, sendo elas predominantemente mais afetivas. Assim, verifica-se que a seleção dos casos exibidos pelo telejornal apresenta uma tendenciosidade que busca, além da sensacionalização, a naturalização da mulher no espaço privado, da família e da afetividade.

A reportagem 05 relata uma agressão cometida por um homem branco, após o rompimento do relacionamento com a vítima. Os atributos direcionados ao agressor são: *príncipe, ciumento, possessivo, covarde*. A apresentação mostra uma entrevista com a vítima que relata a agressão. Após se conhecerem, o casal resolveu morar na mesma casa onde, segundo a vítima, vivia um conto de fadas. Entretanto, o homem passou a ser agressivo e a mulher, com medo, tentou sair da relação, mas foi agredida com uma faca e socorrida pelos vizinhos.

O homem é representado como dominador, sedutor e possessivo, que coloca a companheira em risco por seu comportamento violento. A vítima é apresentada como frágil, sensível e a mulher sonhadora, que acreditava em conto de fadas e esperava seu príncipe encantado. Durante a entrevista, a repórter conduz a vítima a mostrar sua fragilidade, induzindo-a a relatar que foi conquistada e seduzida. “Ele era sedutor? Te convencia? O que que ele falava para você? Coisas bonitas? Ele era romântico?”

As imagens também corroboram a representação da fragilidade da mulher, que é apresentada em uma cena em que aparece a imagem da vítima sentada, sem mostrar o rosto, apenas as mãos unidas descansando sobre as pernas juntas, que mexe os dedos enquanto fala. Também são exibidas as feridas causadas pela faca, após o atendimento médico.

O enquadramento passa uma mensagem de delicadeza da mulher, mostrando que o homem pode ser perigoso e a mulher uma vítima fácil. Enquanto as cenas são exibidas, é possível que o telespectador experimente uma sensação de medo, pois se subentende que o perigo pode estar dentro de casa. A recusa em aceitar o rompimento do relacionamento é relatada pela reportagem como motivo para a agressão. O ditado popular: *Se não for minha não será de mais ninguém*, reforça a dominação masculina, entendida por Sócrates Nolasco (1995, p. 58) “como produto da ideologia patriarcal”.

As reportagens 06, 17 e 25 utilizam a metáfora princesa, em alusão à fragilidade e delicadeza feminina, que se realiza a partir dos feitos de um príncipe forte e destemido, corroborando com Fairclough (2003) que o discurso pode ser utilizado para transmitir uma representação da realidade. A reportagem 06 relata um assassinato cometido pelo namorado da vítima:

Uma jovem bonita, cheia de vida, que infelizmente se apaixonou pelo homem errado. Michele de 26 anos foi morta dentro de casa, aqui em São Paulo. Exatamente por um homem que prometeu uma vida de princesa, mas deu o inferno para ela. Tudo aconteceu na frente dos filhos. [...] foi nessa casa onde eles moravam, em Francisco Morato na grande São Paulo, que Maicon decretou a morte da companheira.

A estratégia de fragilização da mulher e enaltecimento da superioridade masculina situa o feminino na dependência do masculino. O homem é considerado o agente salvador ou o carrasco da mulher, responsável por proporcionar-lhe uma vida de princesa ou o inferno.

O discurso do apresentador colabora para a supremacia masculina quando enfatiza que “Maicon decretou a morte da companheira”. Durante a exibição da reportagem, aparece na tela a frase: *Ciumento não suporta a beleza da mulher*, justificando a agressão pelo sentimento de ciúmes e pela aparência física da vítima. O homem se sente ameaçado pela beleza da companheira. Esse comportamento é entendido como natural pelo senso comum pois, desde a infância, meninos e

meninas recebem uma educação sexista, que diferencia os gêneros e os educa de forma desigual. As mulheres são socializadas para se manterem belas para os homens, se casarem, saberem cuidar da casa e do marido, servirem aos homens, serem submissas, passivas e tímidas. “Meninos são educados para serem fortes, valentes, decididos e provedores” (CISNE, 2012, p. 160).

O desempenho do papel de dominador na relação é historicamente naturalizado nas relações sociais, pois o sistema patriarcal conta com algumas instituições na difusão de sua ideologia, como a família, igreja e escola. Na educação diferenciada de meninos e meninas, existe um suporte ideológico que define os papéis na relação entre os sexos, justificados pelos aspectos biológicos. O homem é educado e socializado para dominar, ser o chefe e provedor, e quando percebe sua posição ameaçada, se sente desafiado.

A reportagem número 07 mostra a ocorrência de violência na qual o agressor sequestra uma mulher e seu filho, cometendo abuso sexual.

Gerson de 26 anos foi preso acusado de abusar de uma mulher de 34 anos em Votorantim interior de São Paulo. Essa mulher chegava em casa quando foi abordada por esse homem que você está vendo aí. Ele rendeu ela com um facão e o filho dela também foi rendido, foi colocado no porta-malas do carro. Esse rapaz aí, o Gerson, ele levou os dois até o matagal ele abusou da mãe na frente do próprio filho, dá para acreditar nisso? Os dois estão sobrevivendo à base de remédios. O Gerson, esse camarada aqui, ele cumpre a pena em regime semiaberto só que agora ele voltou para cadeia.

O agressor recebe atributos como *camarada* e *bandido*, cujo processo material na maior parte das orações, tem a finalidade de condenar o agressor, sem a tentativa de justificar o delito. Os processos materiais deixam clara a culpa do agressor: *foi preso, rendeu, abusou, cumpre, voltou*. Fuzer e Cabral (2014) denominam as orações nas quais se inscreve o processo material como de fazer e acontecer e afirmam que o uso desse processo possibilita enfatizar o feito.

As autoras nomeiam como *Ator*, aquele participante da oração que pratica o processo e como *Meta*, o participante que recebe o impacto da ação. Percebe-se na reportagem uma linguagem direta, em que o agressor é enfatizado como culpado, sem considerações, ocupando a função de ator nas orações. O objetivo é ressaltar a culpa do agressor pelo crime, inclusive, por meio do processo mental “dá pra acreditar nisso?”, visando causar indignação no telespectador pelo ato cometido. Conforme Luís Carlos Lopes (2004, p.19), a mídia é um poderoso instrumento para “modelar consciências, criar ou destruir expectativas, mobilizar ou desmobilizar pessoas”. Semelhantemente, John B. Thompson (2009) afirma que,

A mídia se envolve ativamente na construção do mundo social. Ao levar as imagens e as informações para indivíduos situados nos mais distantes contextos, a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência (p.106).

Na reportagem 08, o agressor é um homem negro que atenta contra a vida de um amigo. O crime passionai aconteceu quando os amigos se envolveram com a mesma mulher. Diferente de outras reportagens nas quais o agressor é criminalizado, a reportagem se dedica a narrar os fatos e culpabilizar a mulher do agressor. Durante a exibição, o destaque está no relato da mãe do homem que foi

vítima de um amigo. A tela apresenta o rosto da mãe da vítima desesperada, chorando, acusando a mulher do agressor e relatando sua indignação. Quem cometeu o crime foi o homem, mas a reportagem tem o objetivo de culpar a mulher que se envolveu com o agressor e com a vítima. Eles se desentenderam pelo fato de a vítima ter um relacionamento amoroso com a ex-mulher do amigo. O discurso busca justificar o crime culpabilizando a mulher que abalou uma amizade pela disputa, pois namorou um e engravidou do outro. O criminoso não recebe atributos pejorativos, é chamado pelo repórter por ser acusado *do crime* e pelo próprio nome. Já a mãe da vítima se refere a ele como “*quem matou meu filho*”.

Fairclough (2003) enfatiza que a mídia pode, através do discurso, transmitir ou reforçar determinadas ideologias. A culpabilização da mulher não recebe o mesmo discurso direcionado aos homens. Enquanto eles são descritos como fortes, dominadores e possessivos, elas são representadas como perigosas e sedutoras. Conforme Faria (2008), a mulher é considerada perigosa por sua capacidade de seduzir, por sua beleza física. Embora o homem tenha recebido atributos como o de *príncipe*, a mulher recebe representações que se referem a sua aparência física, destacando a beleza feminina como um perigo e motivo para o crime cometido.

Esse retrocesso na representação da mulher, após tanta luta e conquista feminina, funciona como fortes pedagogias culturais de gênero. Segundo Louro (2008), elas ensinam, corrigem e amedrontam homens e mulheres, levando-os a reafirmar valores hegemônicos da sociedade, contribuindo para a persistência de desigualdades nas diversas instâncias da sociedade. Como resultados dessas pedagogias, Farias (2017, p.7) afirma que

[...] diversos setores da sociedade ainda são pouco permeáveis à inserção feminina, notadamente na ocupação dos postos de comando das empresas e nos escalões mais altos da política. Embora as mulheres sejam maioria da população em idade ativa, elas recebem menos que os homens e, nos casos de diretoria, os dados são ainda mais discrepantes. Além disso, um grave atuante para as desigualdades de gênero é o trabalho doméstico, que não é compartilhado e resulta em dupla e tripla jornada de trabalho. As estatísticas mostram que as mulheres alcançam certo patamar, mas uma força invisível, um teto de vidro¹ culturalmente estabelecido, que ainda dificulta o avanço [...] feminino.

Diante das construções hegemônicas de gênero, verifica-se que mais que informar, o jornal *Cidade Alerta* contribui para a manutenção de um ideal masculino e feminino bipolar e conservador, que continua reafirmando o lugar social do homem e da mulher como representações cristalizadas, que não oferecem possibilidade de mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos divulgados no *Cidade Alerta* têm o objetivo de condenar, culpar, sensacionalizar e pedagogizar, adotando formas diferenciadas ao condenarem homens e mulheres em função de um crime. O telejornal delega à mulher a função de cuidadora da família, afetuosa e submissa ao homem. Assim, quando a agressora é mulher, existe a dupla recriminação, ela é culpabilizada pelo crime e

por romper com as construções sociais da mulher ligada à passividade, fragilidade e dependência.

A partir de casos de violência, o programa cria uma história, um conto de fadas, dramatizando a ocorrência, detalhando os fatos de forma a sensacionalizar a notícia para cativar o telespectador. Se a mulher se comporta de forma recatada e obediente, recebe o aval do telejornal, mas, se ela se relaciona com mais de um parceiro, ou chama atenção por sua beleza física, recebe uma desaprovação por meio de discursos conservadores e discriminatórios.

O jornal Cidade Alerta, enquanto pedagogia cultural de gênero, conforme Ruth Sabat (2001, p. 12), “ensina através das imagens e que tem seus signos produzidos socialmente pela cultura.” Enquanto parte do repertório cultural dos telespectadores, o telejornal fomenta um processo de ensino altamente eficaz, por ser imperceptível ao público a quem ele é direcionado, produzindo modos de ser e viver, moldando as identidades e subjetividades, naturalizando algo que é construído socialmente.

Spectacularization of violence in a TV news program and conservative gender constructions

ABSTRACT

Every day, the Brazilian television media releases reports on violence that report crimes accompanied by speeches that blame the aggressor women, disconnected from the structural system of society. Thus, the objective of this research is to analyze, based on the reports published in the television news Cidade Alerta, the blaming discourses that fall on women, reaffirming conservative gender constructions, as opposed to the advances of feminist struggles. The research was guided by a Marxist interpretive paradigm, seeking to assume a critical ontological stance, through authors such as Netto, Yamamoto, Swan and Saffioti. The qualitative approach, with exploratory and descriptive characteristics, reveals that the media discourses convey a gender representation of the aggressors and victims, with a macho, discriminatory and conservative position.

KEYWORDS: Keywords: Media. Violence. Genre.

Espectacularización de la violencia en un noticiero de televisión y construcciones de género conservadoras

RESUMEN

Todos los días, los medios de la televisión brasileña difunden informes sobre violencia que denuncian delitos acompañados de discursos que culpan a las mujeres agresoras, desconectadas del sistema estructural de la sociedad. Así, el objetivo de esta investigación es analizar, a partir de los reportajes publicados en el noticiero televisivo Cidade Alerta, los discursos culpables que recaen sobre las mujeres, reafirmando construcciones conservadoras de género, frente a los avances de las luchas feministas. La investigación estuvo guiada por un paradigma interpretativo marxista, buscando asumir una postura ontológica crítica, a través de autores como Netto, Yamamoto, Swan y Saffioti. El enfoque cualitativo, con características exploratorias y descriptivas, revela que los discursos mediáticos transmiten una representación de género de los agresores y víctimas, con una posición machista, discriminatoria y conservadora.

PALABRAS CLAVE: Palabras clave: medios. Violencia. Género.

NOTAS

1 O termo teto de vidro ou *glass ceiling* refere-se ao fato de as mulheres alcançarem certo posicionamento na vida profissional, mas estacionarem ali, como se um teto invisível as impedisse de ir além (FRENKIEL, 1984).

REFERÊNCIAS

- APOSTÓLICO, Cimara. **Telenovela: O olhar capturado**. Construção da tríade telespectador, corpo e imagem. São Paulo: PUC, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4841>. Acesso em: 23 set. 2016.
- BADINTER Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CISNE, Mirla. Gênero e Patriarcado: uma relação necessária para o feminismo. In: QUEIROZ, Fernanda; RUSSO, Gláucia; GULGEL, Telma. (org.). **In: Políticas Sociais, Serviço Social e Gênero: múltiplos saberes**. Mossoró – RN: Edições UERN, 2012. p. 147 – 165.
- CISNE, Mirla. Marxismo: uma teoria indispensável à luta feminista. In: 4º Colóquio Marx e Engels, 2005, Campinas. SP. **Anais**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5e s/GT4/gt4m3c6.PDF>. Acesso em: 11 fev. 2020.
- CUNHA, Manoela Ivone. **Malhas que a reclusão tece: Questões de identidade numa prisão feminina**. Lisboa: Gabinete de Estudos Jurídico-Sociais do Centro de Estudos Judiciários. 1994. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000096&pid=S0870-8231201200010000500015&lng=pt. Acesso em: 9 ago. 2020.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. Tradução Railton Souza Guedes. 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2019.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Media discourse**. London, Longman, 2003.
- FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Caricaturas como pedagogia de gênero visando conter o movimento sufragista no século XIX. In **Educon**, Aracaju, Volume 11, n. 01, p.7/9, set/2017. Disponível em: http://anais.educonse.com.br/2017/caricaturas_como_pedagogia_de_genero_visando_conter_o_movimento_s.pdf. Acesso em: 7 ago. 2020.
- FARIA, Thaís Dumê. Mulheres no Tráfico de Pessoas: vítimas e agressoras. **Cadernos Pagu**, v.31, p.151/172, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n31/n31a08>. Acesso em: 7 ago. 2020.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução do coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FRENKIEL, Nora. **The up and Comers: Bryant Takes Aim at the Settlers**. Adweek. Special Report. 24.mar. 1984.
- FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à Gramática Sistêmico Funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, Michael Alexander; Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. New York: Oxford Press, 1989.

LEONARD, Eileen B. **Women, Crime and Society: A Critique of Criminology Theory**. Londres: Longman, 1982.

LIMA, Paulo Marco Ferreira. **A Mulher Delinquente** - Algumas Perguntas e Algumas Considerações. In: REALE JÚNIOR, Miguel e PASCHOAL, Janaina. (coords.) **Mulher e Direito Penal**. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, v. 19, n. 2 (56) maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2020.

LOPES, Luís Carlos. **O culto às mídias: interpretação, cultura e contratos**. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

MUCHEMBLED, Robert. **História da violência**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PAULA, Catarina Sofia Pereira. CARIDADE, Sônia Maria Martins. Disparidades de gênero ao nível das sentenças Judiciais: uma revisão estruturada da literatura. **Revista Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito**, v. 7, n. 0, Paraíba, 2018 Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ged/article/view/42407/21112>. Acesso em: 9 nov. 2020.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n.1, 2001. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100002>. Acesso em: 9 nov. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Conceituando gênero. In: SAFFIOTI, H.; MUNHOZ-VARGAS, M. (Org.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro/Brasília: Rosa dos Tempos/UNICEF, 1994, p. 271-283.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. **Revista Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, p. 71/99. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 9 nov. 2020.

SILVA, Miquelly Barbosa da. ; IGREJA, Rebecca Lemos. O lugar social da mulher na criminalidade: Um olhar panorâmico sobre a América Latina. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, v. 3, n. 1, p. 79 – 97, 2017. Brasília. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistagsd/article/view/2081>. Acesso em: 9 nov. 2020.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola. 2002.

THOMPSON, John B. **Mídia e modernidade**. São Paulo: Vozes, 2009.

VIEIRA, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa**. Campinas SP: Pontes Editores. 2016.

Recebido: 24/06/2020.

Aprovado: 06/07/2021.

DOI: 10.3895/cgt.v15n45.12638

Como citar: JESUS, Rosilene Soares de; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Espetacularização da violência em um telejornal e construções conservadoras de gênero. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 82-97, jan./jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

